

## **ERGUER A VOZ COM BELL HOOKS** **[RAISE YOUR VOICE WITH BELL HOOKS]**

Izilda JOHANSON

Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo.  
Professora Associada de Filosofia Contemporânea no  
Departamento e no Programa de Pós-Graduação em  
Filosofia da Universidade Federal de São Paulo.  
E-mail: i.johanson@unifesp.br

### **RESUMO:**

Neste artigo exploraremos alguns pontos nucleares da reflexão que bell hooks propõe em seu ensaio *Erguer a voz: falar como feminista, falar como negra*. Veremos que, segundo bell hooks, erguer a voz dirá respeito à constituição sobretudo de um lugar em que ser mulher e ser negra deverá significar o mesmo que ser sujeito do próprio pensar; e, ainda, fazer-se ouvir: ouvir a si mesma, por si mesma, e ser ouvida por outras, outros, outres também, num processo que exigirá, necessariamente, a contrapartida de uma escuta. Por fim, restará a questão do modo como esses movimentos e esses gestos que levam alguém a ser sujeito, ser voz e ser escuta podem se integrar; veremos que isto se tornará real por meio de um agir e de um pensar autenticamente feminista.



1

**PALAVRAS-CHAVE:** feminismo negro, erguer a voz, escuta, liberdade.

### **ABSTRACT:**

In this paper, we will explore some of the core points of the reflection that bell hooks proposes in *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. We will see that, according to bell hooks *talking back* will mainly concern the constitution of a place in which being a woman and being black should mean the same thing as being the subject of her own thinking and speak by herself: hear herself by herself, and being heard by others too, in a process that will necessarily require the counterpart of a listening. Finally, we will reach the question of how all these movements and these gestures that lead someone to be a subject, to be a voice and to be listened to can be integrated; we will see that this will become real through both authentically feminist acting and thinking.

**KEY-WORDS:** black feminism, talking back, listen, freedom.

"Apenas como sujeitos é que podemos falar"  
(bell hooks)

I.

No dia 8 de março de 2018, Marielle Franco, vereadora e presidente da Comissão das Mulheres na Câmara dos Vereadores da cidade do Rio de Janeiro, tem seu discurso cortado em razão de uma suposta bem intencionada oferta de flores, por um de seus colegas vereadores. A esta interrupção ela responde:

Homem fazendo "homice". Meu Deus do céu. Obrigada, Ítalo. Muito obrigada! Amém. Obrigada. Obrigada aos vereadores.

Como falei antes, e falava na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no dia de hoje, as rosas da resistência nascem do asfalto. Nós recebemos rosas, mas também estaremos com os punhos cerrados, falando do nosso lugar de vida e resistência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas (...) (FRANCO, 2018, p.1).



2

Seguindo em frente, a vereadora retoma seu discurso, insistindo na questão da violência de gênero praticada especialmente no Brasil, considerado o sexto país mais violento do mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde. Desta vez, sua fala passa a ser atravessada por brados retumbantes de um homem com a clara intenção de se sobrepôr à fala dela. Marielle, então, ergue sua voz:

Tem um senhor que está defendendo a ditadura e falando alguma coisa contrária? É isso? Eu peço que a Presidência da Casa, no caso de maiores manifestações que venham a atrapalhar minha fala, proceda como fazemos quando a Galeria interrompe qualquer vereador. Não serei interrompida, não aturo interrupção dos vereadores desta Casa, não aturarei de um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita Presidente da Comissão da Mulher nesta Casa (FRANCO, 2018, p.1).

Esse já célebre episódio de Marielle Franco na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro é uma imagem bastante fiel daquilo que entendo que bell hooks se refere em seu ensaio "Erguer a voz: falar como mulher, falar como negra". Ela, Marielle, mulher, negra, lésbica, moradora de comunidade periférica carioca fala para todas e todos, quer gostem

ou não de ouvir. E fala não como alguém que precisa justificar sua presença ou mesmo existência naquele lugar; como alguém que deveria pedir licença, ou fazer concessões para poder estar onde está; em suma, como aquela que simplesmente venceu e conseguiu para ser "alguém na vida" (o quanto já ouvimos mães e pais negros/negras, pobres e moradores das regiões periféricas se preocuparem com o futuro de suas filhas e de seus filhos, incentivando-os a estudar para, diferentemente deles próprios, serem "alguém na vida"? E aqui, "ser alguém na vida" remeteria invariavelmente a ser e viver tal como vivem as pessoas que a sociedade em que vivem sabem tornar privilegiadas).

Naquela ocasião, e em todas as outras, no mais, Marielle Franco fala como aquela que se eleva no horizonte de opressões dessa mesma sociedade que sabemos ser fundamentalmente e estruturalmente colonial, logo racista, machista, patriarcal, classista, homofóbica, capacitista, supremacista, e violenta das formas mais diversas, desde as mais explícitas e brutais até as mais sutis. Marielle, neste sentido, fala, e esse seu gesto diante do mundo faz falar também todas as outras mais que, como ela - mulheres, negras, lésbicas, periféricas - podem e devem *erguer suas vozes*.

*Erguer a voz*, segundo bell hooks, não é, como se vê, elevar simplesmente o volume, falar alto; mas é, acima de tudo, instaurar um lugar, um lugar de fala legítimo, o que quer dizer, *um lugar de sujeito*: sujeito da ação, sujeito do pensamento. Assim também, sua afirmação sobre *pensar como mulher*, *pensar como negra*, pouco ou nada tem a ver com o estabelecimento uma suposta identidade para um pensar: um pensamento verdadeiramente, ou essencialmente feminino negro, o que poderia ser? O que uma "identidade" negra e feminina poderia significar diante do entender fundamental de que tanto a categoria mulher quanto a categoria negro/negra são construções de uma negação sobretudo, invariavelmente à serviço da instauração de um poder com intenções indubitavelmente supremacistas?

Há já algum tempo - e muito em virtude das contribuições de mulheres feministas negras, e bell hooks está entre as principais - nós todas, todos e todes sabemos bem, ou pelo menos temos todas as condições de saber, que é o branco, ou a branquitude, que inventa o "não branco", ou seja, o negro, a fim de instaurar e fazer valer o que essa negação produz - o racismo - e que torna o mundo apto à sua dominação; do mesmo modo, é o homem, ou melhor, o machismo patriarcal que inventa "o feminino", a fim de instaurar e fazer valer o binarismo sexista nesse mundo onde quer fazer a falocracia e o masculinismo



imperarem. Assim como o racismo acompanha a invenção da pessoa negra, o machismo patriarcal acompanha a invenção da mulher feminina.

Neste sentido, a constituição de um sujeito do pensamento, do conhecimento, da ação, tal como bell hooks propõe, é antes de tudo a constituição de um lugar de afirmação: lugar em que ser mulher negra é nada mais nada menos que ser sujeito do seu próprio pensamento: ser, de fato, "alguém na vida", mas agora não mais como *uma máscara branca numa pele negra* (FANON, 2020), mas, sim, como aquela pessoa que não será interrompida, que não aturará interrupção, logo, aquela que terá lugar e voz, que terá autonomia para ser a pessoa que é, e também as possíveis outras que, se quiser, poderá vir a ser.

II.

Como conceituam, cada qual em suas respectivas filosofias, Djamila Ribeiro (RIBEIRO, 2019) e Grada Kilomba (KILOMBA, 2019), o projeto colonial ao qual nosso saber, nossa produção de conhecimento, nosso pensamento, nossa filosofia estão atrelados desde que Pedro Álvares Cabral pisou em solo brasileiro, é o projeto que estabelece, afinal, *quem pode falar* - e saber, e conhecer, e filosofar, e dizer o que é e o que não é filosofia - e quem não pode.

Vou me deter aqui sobre os dois principais instrumentos, ou artifícios, a meu ver, por meio do qual, na filosofia, estabelece quem tem voz e vez, quem pode dizer *quem é* e quem não é filósofo (sempre no gênero masculino, uma vez que, para estes, as pretensões das mulheres à filosofia ainda permanecem sob suspeita até hoje em dia) e, portanto, o *que é* e o que não é filosofia (filosofia será o discurso proferido apenas pelo guardião legítimo de sua verdade e de seu rigor).

O primeiro diz respeito à exigência de universalidade do conhecimento. Ora, o que há de pressuposto aqui é que não só se considera possível como se preconiza um conhecimento para ser válido precisa dizer respeito a tudo e todos, universalmente. Mas de onde poderia partir tal conhecimento absoluto? Pelo menos isto a metafísica nos ensina: o conhecimento absoluto não pode ser de tipo humano. Seja divino, seja Ideia, seja Razão, do ponto de vista da finitude humana, o conhecimento absoluto só é possível de um ponto de vista também absoluto. Algo que nem mesma a mais racional das razões pode oferecer.



Toda razão será sempre a razão de alguém, salvo quando ela se desloca - como fazem muitos sistemas - para o plano da pura abstração que é, afinal, o plano onde não vive ninguém! Do ponto de vista concreto, da existência concreta, no entanto, o pensamento - racional ou não - será sempre o pensamento de alguém que, enquanto ser vivo, está em algum lugar no tempo e no espaço. Todo conhecimento é, portanto, situado. Todo conhecimento é produzido por alguém de carne e osso, que tem uma história, um histórico e condições de vivência. Só desuses podem ser onipresentes e oniscientes. Não existe, portanto, conhecimento que se faça de uma perspectiva universal. Mesmo assim, há o conhecimento se impõe como essa exigência de universalidade; mas, então, será preciso que reconheçamos que, essa se liga a um projeto que é, antes e acima de tudo, um projeto de poder e de autoridade. O sujeito universal será, portanto, aquele que monopolizará o poder de dizer quem é e o que é "o universal", o qual, por sua vez, irá fazer-se medida para todas as coisas.

O segundo meio de exercício de poder na filosofia se dá como o que podemos chamar de mito da objetividade atrelada necessariamente ao da neutralidade. Um conhecimento válido tem de necessariamente ser um conhecimento neutro-objetivo<sup>1</sup>. Ora, pergunto uma vez ainda, mas *quem* é que define o que é objetivo-neutro e o seu oposto, aquilo que é subjetivo-parcial? Dado estarmos todos e todas necessariamente em um lugar e em alguma situação em particular, poderia haver uma atitude mais parcial e relativa a um sujeito do que essa de definir o que é neutro e universal? Encontraríamos, como de fato encontramos, discursos subliminar ou explicitamente racistas, machistas, masculinistas, em alguma filosofia se ela fosse, de fato, um conhecimento produzido a partir de certo "distanciamento", logo, neutro e objetivo?

Neste sentido, entendo que toda e qualquer atitude (teórica ou prática) que procure determinar - e que de fato determine - quem é ou não é "sujeito neutro", ou seja, quem pode ou não falar, quem estaria apto, portanto, a pensar e a conhecer, é uma prática violenta, a qual remete, por sua vez, a projetos de dominação fundamentalmente, de exclusões e de exploração.

---

<sup>1</sup> E aqui poderíamos discorrer longamente sobre as infindas distinções, feitas internamente ao longo da história da filosofia, entre mito e filosofia, entre religião e filosofia, literatura e filosofia, entre arte e filosofia...



De outro lado, resistir e transgredir, como nos ensina bell hooks, é não só sobreviver ao massacre cotidiano, à máquina de anulação e morte estrategicamente direcionada a existências determinadas, mas ainda romper essa linha de fronteira entre aqueles podem existir como sujeitos de suas próprias vidas e de seus próprios pensamentos e, de fato, existem, e aqueles aos quais esse "privilégio" não é concedido. É também impedir e combater o silenciamento de quem é efetivamente silenciado; desmitificar os valores norteadores do projeto do dominador (valores coloniais que nós, colonizados e colonizadas, reproduzimos tão eficazmente quanto de modo tão pouco consciente) que dão sustentação a todo racismo, a todo sexismo, a todo classismo e demais modalidades de opressão. É, enfim, dar condições de abertura do campo do pensamento e da ação para múltiplas vozes e lugares de fala; é dar condições de criação, como faz bell hooks ao erguer sua voz, de um lugar onde se existe autenticamente - e alegremente, quem sabe? -, isto é, como aquela pessoa que se é.

### III.

Referi-me acima à Marielle Franco e poderia falar de muitas mulheres mais, aqui mesmo no Brasil que, como ela, nos ensinam, junto com bell hooks, o sentido e o significado de *erguer e a voz*. É o caso, para mencionar mais um, de Carolina Maria de Jesus.

Mulher, negra, pobre. Na escola básica, concluiu até o segundo ano do primário. Teve de começar a trabalhar muito cedo e, tão logo pode, recusou a clausura do trabalho doméstico (em casa de família), e foi ser coletora de material reciclável, atividade que, apesar da instabilidade e precariedade em termos, vamos dizer, trabalhistas, lhe conferia um mínimo de liberdade para gerir seu próprio tempo e, assim, realizar concomitantemente suas funções de mãe, seu trabalho de escritora e a manutenção da vida cotidiana doméstica. Recusou a clausura do casamento, a submissão inevitável ao macho "chefe e família". Escreveu literatura de diversos estilos, romance, poesia, dramaturgia e, em todos, é a expressão sofisticada, clara e límpida de uma voz muito singular que se sobressai. No que diz respeito àquela que pode ser considerada sua principal e mais conhecida obra, *Quarto de despejo*, logo entendemos que a voz que fala é aquela que expressa por meio certa singularidade própria - ou diríamos subjetividade? - de uma situação específica, algo que diz respeito não a uma pessoa ou caso particular simplesmente, mas a uma existência que se situa em um lugar social onde se encontram muitos outros também, e que a elite



dominante é pródiga em ignorar, ocultar, invisibilizar, fazer calar. Situação bastante objetiva, é preciso sublinhar; em hipótese alguma neutra.

Ouvir, portanto, a voz que vem do quarto de despejo não é simplesmente ouvir a voz de uma mulher negra pobre com talento para a escrita; é, antes e acima de tudo, ouvir *a voz que se ergue* contra diversos mitos de exclusão e de subalternidade, incluindo o mito da civilização entendida como invenção fundamentalmente masculina branca europeia e em virtude de certa racionalidade absoluta que os acompanharia exclusivamente. A voz do quarto de despejo é, pois, a voz que põe as cartas na mesa, que faz a realidade confrontar a ideologia e que explica, finalmente, que é a sociedade colonial (e continuamente pós-colonial) que produz a "mulher negra pobre", não elas mesmas. A despeito de todos os seus marcadores sociais, Carolina Maria de Jesus ergueu sua voz, principalmente por meio da escrita e do seu talento excepcional para ser insubmissa.

Erguer a voz, como nos mostra Carolina de Jesus, é falar. Não falar alto, necessariamente, nem falar mais do que, por hipótese, já se fala; mas, nos termos de bell hooks, é falar como sujeito de sua própria história, de seu próprio pensamento: é falar como mulher, falar como negra, a mulher negra que se é, mas também aquelas outras que não se é, no entanto, se poderia ser, se se quisesse, quando e como se quisesse ser.



#### IV

Tendo sido escrito o que foi até aqui, é de se notar o fato de que não tenha havido até agora nenhuma apresentação de quem escreve este texto; não se disse até esse momento, que já se encaminha às considerações finais, quem é esta pessoa que aqui fala e escreve sobre erguer a voz, sobre bell, Marielle, Carolina, sobre ser mulher, sobre ser negra. Mas, então, que pessoa de carne e osso e história é esta que pronuncia estas palavras e procura empreender tal discurso? Quem é esta que, até aqui, fala como se seguisse à risca aquilo tudo que apreendeu na universidade com os filósofos e suas filosofias, com professores filósofos e historiadores da filosofia? Quem é essa pessoa, afinal, que até aqui fala tal qual sujeito desencarnado, consciência "distanciada" de seu objeto, crédulo de poder produzir pensamentos de um ponto de vista neutro e com pretensões universalistas?

Não, não sou uma abstração, uma consciência ideal pairando sobre os corpos materiais situados e parciais de um todo abstrato absoluto. Sou corpo, sou pensamento, sou inteira e situada: mulher, branca, filósofa professora de filosofia, formada na mais típica tradição colonialista universitária brasileira. No entanto, sou feminista.

Reformulo, assim, os termos da pergunta: por que eu, mulher branca, estou aqui, pondo-me a proferir um discurso sobre mulheres feministas negras? Quero dizer, se eu soube até agora ouvir a crítica do feminismo negro ao já prática e teoricamente caracterizado feminismo branco; se de fato soube ouvir e entender a relevância da discussão a respeito de o que é viver num lugar de privilégios (notadamente, privilégios de pessoa branca concedidos, diga-se, pela própria branquitude); se entendo, enfim, o sentido e o significado de *racismo estrutural* e de *lugar de fala*, então não posso deixar de fazer este questionamento: ao me pronunciar sobre o sentido que me parece fundamental de o que bell hooks diz sobre erguer a voz e pensar como feminista e como negra, estaria eu usurpando este lugar, quero dizer, esse lugar de pensadora, ativista, mulher negra feminista que ela e suas companheiras são e, com isso, trabalhando ativamente, ainda que involuntariamente, para o silenciamento de suas vozes?

Acredito que não seja este o caso e, posso dizer, se considerasse que sim, não escreveria. Considero, no entanto, que, neste momento, e não apesar mas justamente por estar nesse lugar de mulher branca, que é o meu, o que faço é colocar-me, antes de tudo, no lugar que me cabe, a meu ver, o lugar de quem escuta. Entendendo ainda que as condições para que este escrito se configure numa ação fundamental de escuta se encontram no fato de que *erguer a voz com bell hooks*, e com todas as mulheres que pensam como feministas e como negras assim como bell hooks, diz respeito também a querer e a buscar principalmente desaprender ao máximo tudo aquilo que a branquitude sexista civilizatória ordena de maneira tirânica de Norte a Sul Globais; diz respeito, enfim, a buscar caminhos possíveis, reais e viáveis à emancipação. As vozes que se erguem, e porque se erguem, são vozes transformadoras, libertadoras. Essas vozes não podem não ser ouvidas. Bem sabemos que o racismo não é um problema de negros e negras somente, mas de todos, todas, todes, nosso! Também o machismo, a misoginia, o masculinismo não são um problema de mulheres somente, mas de toda a sociedade. Mais uma vez (e sempre) com bell hooks e outras mulheres mais que pensam como feministas e como negras, será preciso reiterar que a luta contra uma opressão deverá ser sempre a luta contra toda forma



de opressão: ou somos todos, todas, e todes livres, ou ninguém precisamente o é; ou vivemos numa sociedade igualitária e livre, ou, necessariamente, numa sociedade opressora, desigual, injusta. Ignorar isto é contribuir precisamente para que tudo permaneça como está.

A filosofia tem, a meu ver, esse papel fundamentalmente crítico em relação ao que aprisiona, sequestra, emudece, compromisso vitalício com valores libertários e com a ação libertadora. E por isso aqui estou, como mulher branca, como filósofa, como feminista, como aquela, enfim, em cuja voz, espero, ecoe também o valor da escuta verdadeira:

"A luta para acabar com a dominação, a luta individual para se opor à colonização, deslocar-se de objeto para sujeito, expressa-se no esforço de estabelecer uma voz libertadora - aquela maneira de falar que não é mais determinada por sua posição como objeto, como ser oprimido, mas caracterizada pela oposição, pela resistência. Ela demanda que paradigmas mudem - que aprendamos a falar e também a escutar, para ouvir de uma nova maneira" (hooks, 2019, p. 50).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

hooks, bell - *Erguer a Voz - Pensar como feminista, pensar como negra*, São Paulo, Editora Elefante, 2019.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, São Paulo: Ática, 2014.

FRANCO, Marielle - "não serei interrompida" - Câmara dos vereadores do Rio de Janeiro. Discurso - Vereadora Marielle Franco - Sessão: Ordinária Expediente: 2ª Parte do Grande Expediente Data da Sessão: 08/03/2018 Hora: 15h40min. Disponível em:

<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/discvot.nsf/5d50d39bd976391b83256536006a2502/cd266fdef87ea5fc8325824a006d079d?OpenDocument>

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

VIEIRA, Julia de Freitas; JOHANSON, Izilda Cristina. A interseccionalidade a partir de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. *Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte*, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. 244–268, novembro de 2020.



JOHANSON, Izilda. ERGUER A VOZ COM BELL hooks.  
**Kalagatos**, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22017, p. 01-10.

Recebido: 04/2022  
Aprovado: 05/2022

